

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.ª andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2352

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 1 DE AGOSTO DE 1926

BASTA DE PROJECTOS, VAMOS A OBRAS!

E' PRECISO ACABAR DE VEZ COM OS SONHOS E COM AS QUIMERAS E COMEÇAR A REALIZAR OBRAS ÚTEIS Á COLECTIVIDADE

Quando os homens são decididos e enérgicos todos os sonhos e fantasias se materializam em esplêndidas realidades. Transformemos em factos o que até hoje não tem passado de núvens douradas e illusórias

Quem tivesse tido a curiosidade de ler os jornais durante esta última semana deveria ter notado, com certeza, que os projectos luminosos que eles inseriam, se fossem prontamente executados, transformariam este pobre país decadente, quasi exilado da civilização, num paraíso terrestre que causaria inveja ao Padre Eterno.

Não queremos senão fazer alusão aos projectos da última semana, porque se nos referíssemos aos dos últimos cinquenta anos nem cinquenta números de *A Batalha*, como este, chegaríamos para conter tanta esperança dourada e tanta fantasia embriagadora.

Se se executasse o que nesta semana se fantasiou, se se principiase a trabalhar desde já, muitas bocas fariam pão a estas horas e esplêndidas esperanças acenderiam sua chama cariciosa nos corações daqueles que têm a infelicidade de habitar nesta terra semi-bárbara.

Mas, infelizmente, nesta semana, como nestes últimos cinquenta anos, as grandes obras de utilidade pública, as grandes transformações nas cidades e nos portos não passam de sedutoras quimeras.

Para os povos decididos e empenhados não existem quimeras. O que se sonha é o que se realiza. Haja em vista aquela minúscula Ho-

landa que arrancou ao mar e defendeu com o sistema maravilhoso dos seus diques um solo fértil, onde os prados são sempre verdejantes e o gado paciente e manso pasta em pachorrentas manadas. Ponha-se os olhos naquele Japão, arredado para os confins do Oriente, que em algumas dezenas de anos conseguiu avançar e saltar em civilização sobre muitos povos europeus.

Portanto, o que para os povos relapsos, mal servidos de governos, mal apetrechados de escolas, é sonho ou fantasia, para os outros, para os que têm método de trabalho, orientação firme e energia pronta, é consoladora realidade.

Não podemos acusar o povo português de mau trabalhador ou de preguiçoso. Ele trabalha como um mouro. O operário é hábil e diligente. Colocado num ambiente melhor, mais são, mais civilizado, o trabalhador português não é inferior ao estrangeiro, succedendo até distinguir-se, destacar-se pelas suas facilidades de inteligência e de perseverança. Portanto, se em Portugal todos esses projectos não passam de sonhos, a culpa não cabe ao povo trabalhador que é pelo menos tão bom, em Portugal, como nos outros países.

As culpas cabem a essa política miserável que de há tantos anos,

desde a defunta monarquia, vem introduzindo um interesse mesquinho em cada iniciativa, um parasita em cada empresa, um empata a cada obra a realizar. E a política tudo devora e destrói. E passados os primeiros entusiasmos dos grandes projectos, das grandes obras que transformariam o país num recanto maravilhoso da Europa, não resta senão um fumosinho dourado adejando no horizonte cerebral deste povo que, à falta de pão, de educação e de higiene, se compraz em sonhar, em fantasiar.

Os anos decorrem e quando o sono é interrompido pelo eco da energia e da actividade dessa Europa, e se repara que isto por cá não avançou, ainda não é para trabalhar que se acorda. E' para continuar a elaborar projectos sobre projectos—que não passam de projectos. Muitas vezes nos temos iludido com as árias das transformações cantadas pelos governos em vésperas de eleições, ou por simples aventureiros que se limitam a devorar ao Estado alguns milhares de contos sem produzirem obra útil. Quantos entusiasmos—tantas delusões...

Nesta última semana novo entusiasmo se apoderou de nós. Temos o pressentimento de que de tantos projectos, pelo menos, parte de algum se realizará. Mas confiamos

mais nas circunstâncias avassaladoras do momento do que nos homens. São as próprias necessidades da nossa época, do avanço dos outros povos, que hão de impelir os governos, quer queiram, quer não, a realizar ou a patrocinar grandes obras de utilidade pública.

O projecto do porto de Lisboa, apresentado agora ao governo, é o que se nos afigura mais urgente. A sua realização corresponde, não apenas a necessidades nacionais, mas internacionais—porque não há direito de manter inútil para a Europa, para a península, principalmente, um porto por onde deve passar uma boa parte da produção económica de um continente.

Se os homens que pediram a concessão para fazer as obras do porto de Lisboa são sinceros, e não vêm oferecer tantas maravilhas de mão beijada, no intuito apenas de se apoderarem dos caminhos de ferro do Sul e Sueste (assunto melindroso e muito discutível), se as suas intenções são claras, nítidas, insofismáveis, faça-se-lhes a concessão.

E deixem-nos de sonhar. E passemos a obras práticas—porque de palavras só um povo sonhador como o nosso tem conseguido o milagre de se alimentar durante tantos anos.

A DESCOBERTA DO ENCOBERTO...

José Eugénio acaba de revelar-se um verdadeiro homem de génio

Em homenagem ao encoberto, que se descobriu, e para melhor destaque das suas brilhantes qualidades intelectuais, Eu... génio passa a chamar-se Ele... génio

Em Portugal dão-se casos que só poderiam ser explicados pela representação de uma daquelas deliciosas operetas austríacas que tanto êxito têm obtido em todos os palcos do mundo.

Criam-se ficções que se encham do prestígio poético daquelas lendas orientais tão propícias aos escritores do Ocidente que lutam com falta de assunto.

Criou-se o Dom Sebastião, que deveria aparecer numa manhã de nevoeiro para salvar o país da desgraça. Criou-se modernamente o dr. Afonso Costa, que se recusou inúmeras vezes a salvar a nação, para salvar-se a ele próprio nos negócios diplomáticos em Paris. Mas há muito tempo que se fala numa outra figura misteriosa, espécie de génio oculto que, não mostrando a viés, faz entretanto ouvir cá fora, uma vez por outra, os ecos da sua voz.

E' um homem que, pelo mistério de que se rodeia, quasi perdeu para o vulgo as suas formas humanas. E' um cérebro fecundo, é um cérebro—como diremos?—um cérebro pesado, visto que pelo peso e pelo volume, segundo a teoria de alguns sábios respeitáveis, se medem as inteligências—como as batatas e os chouriços.

Quem é este génio, quasi Deus, este encoberto que, do fundo do seu misterioso esconderijo, tudo vê, tudo prevê, tudo calcula, tudo compreende e tudo explica? Nós sabemos: a resposta aflorou já, instintiva, espontânea, aos lábios dos nossos leitores:

—E' o José Eugénio Dias Ferreira. Também na célebre carta do Eça, um nome da sua época acudia, sclere e pronto a todas as memórias:

—O Pacheco! Mas Pacheco era o génio do ridículo e José Eugénio é o génio do resgate. Ele próprio costuma dizer às pessoas que disfrutam o gozo supremo da sua intimidade: —Eu... génio, salvador da Pátria...

Modestamente o José chama-se *génio* a ele próprio, servindo-se da caprichosa e divina junção do pronome pessoal *eu* e do substantivo comum—embora pouco comum na humanidade—*génio*.

Mas como todos os génios, Eugénio Dias Ferreira tem tido dificuldade em revelar-se. O povo presente-o, mas não o conhece. Foi preciso aparecer um jornal moderno, vibrante em reportagens copiadas dos jornais estrangeiros, brilhante pelas crónicas que publica assinadas por esse Fradique Mendes que Eça tão mal soube definir e que neste momento tão brilhantes provas da sua inteligência está dando, pelas trezentas e sessenta e cinco crónicas que escreve por dia—foi preciso aparecer esse jornal admirável para que o génio de José Eugénio se revelasse ao público.

Quebrou-se anteontem o encanto. Produtos lisíveis e palpáveis do *encoberto*, descobriram-se num artigo de fundo. E—oh, maravilha!—tudo o que o sr. José Eugénio Dias Ferreira escrevia sobre a salvação da pátria vinha nos mais incompletos tratados de geografia.

«O continente português é formado pelas provincias de Minho, Traz-os-Montes, Douro, etc...»

«Macau fica no continente chinês, etc...» Tudo, tudo aquilo vem nos tratados de geografia. *Eu-génio* levou nos a descobrir... o que já estava descoberto. E nisso, precisamente, está o génio do sr. Eugénio. Descobrir o desconhecido é uma banalidade—desde que o mundo é mundo. Descobrir o que todos conhecem—eis a originalidade.

Na Academia das Ciências, por estes dias de calor, ventilando-se... o homem e os seus assuntos geniais houve quem propusesse que o grande *encoberto*, há pouco revelado, passasse a ser conhecido, não por Eugénio Dias Ferreira, mas por este nome bem directamente alusivo:—*Ele-génio*.

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

Os católicos mexicanos têm-se manifestado violentamente contra a liberdade religiosa promulgada pelo ditador Calles

A república mexicana, cujo território por tantos investigadores e culturas é inculcado a Itália será a sepultura—é hoje campo de batalha de hereses e católicos. Estamos muito longe para que possamos analisar com segurança e clara visão as fases dessa luta ardorosa; mas, dos rumores que chegam à Europa, distingue-se uma formidável elevação da Igreja, sem que da regra se eleva um sacerdote que mereça a coroa de espinhos do martírio.

O governo do general Calles traçou no seu programa uma grande faixa de socialismo que não é mais que uma longa mancha de demagogia encarnada. Os movimentos das classes operárias; por exemplo, têm sido reprimidos com requintada selvajaria; e os católicos não deixavam de aplaudir, não só por ódio inveterado a toda a afirmação de personalidade, como por se sentirem livres, por uma suposta questão de simpatia, das arremetidas do diabo.

Mas o feitiço demagógico é que se voltou subitamente contra o feitiço divino, assim se confirmando o axioma de que o diabo à sóla pode acabar com o mundo. Parece—por que nos diz uma correspondência particular—que o governo mexicano reconhece que todos os cultos devem ser livremente escolhidos. O Estado não tem que preferir, ou tolerar melhor, um ou outro culto, a todos relevando para funções particulares o seu exercício. Sob este princípio, que não é dos menos antipáticos, o governo de Calles fez publicar uma lei tornando proibido o exercício público e para público de qualquer culto religioso, permitindo, apenas, em regime de liberdade religiosa, que o culto religioso fosse praticado por particulares e para particulares. A mesma lei ordenava o encerramento de templos e igrejas, interditando-as e confiscando os seus bens em favor do Estado, e abolindo todas as prerrogativas e regalias aos que exercem o culto. Assim se tornava a Igreja uma simples associação particular, como aquelas que se fundam com fins expressos em estatutos.

Ao sentirem derruir o seu predomínio, os católicos pretenderam provocar um movimento de resistência. Mas o governo atirou-se furiosamente aos bispos, expulsando-os como estrangeiros que optavam pelo estado de Santa Sé, castigando-os com rigor legal, se afirmavam a sua qualidade de nacionais.

As igrejas têm de ficar totalmente encerradas no dia de hoje, 1 de Agosto; e como os bispos, conseguindo vislumbra uma porta falsa na lei sobre liberdade religiosa, que era omissa sobre a administração de bens e conservação de imóveis, apela para que os fiéis constituíssem comissões que de tal se encarregassem, o governo, porém, fez logo publicar um decreto man-

dando entregar aos alcaides (governadores civis) os edifícios e mais bens da Igreja. Várias manifestações católicas e anti-católicas se têm produzido, assumindo grande violência de parte a parte; mas a derrota da Igreja vai-se acentuando, ficando nós a ver, como o devem estar observando os operários mexicanos, a que proporções se alastrará a derrota.

A *Bom Imprensa*, há pouco festejada pelos católicos, nos irá informando...

Uma nova forma de plebiscito
Primo de Rivera, ou alguém que o inspire em segredo, sente a necessidade de adoptar uma política que tenha, ao menos, a aparência de liberal. O seu desejo é acreditar-se um grande reformador demofilo, cheio de boas intenções para com as classes populares.

O grande acto político que se anuncia para breve vai causar assombro. Primo de Rivera pensa em lançar um plebiscito à nação, no dia 13 de Setembro, aniversário da sua ascensão ao poder. O plebiscito, porém, terá uma modalidade nunca verificada em tais actos de sufrágio popular: o voto será público e quem se disponha a votar, no momento da chamada, deverá dizer, apenas: *sim* ou *não*, em alta voz, perante uma comissão.

Assim, ninguém se atreverá a manifestar opinião contrária à existência da ditadura, pelo que se nos afigura será enorme a abstenção, para evitar uma represália política.

A era do imperialismo
Os carrascos do povo alemão

PARIS 31.—Chegou a esta cidade a comissão agrária alemã que contencionei com os *«leaders»* dos vários grupos parlamentares acerca da cooperação franco-alemã para a abal execução do plano Dawes. Os discursos pronunciados pelos ministros franceses da Guerra e da Agricultura demonstram a necessidade duma estreita cooperação, tanto no campo político como no comercial, primeira garantia da paz europeia e primeiro passo para os Estados Unidos da Europa.—(L.)

O desarmamento é para os outros
PARIS, 31.—O conselho dos embaixadores aprovou um acordo entre os seus representantes e os delegados do governo de Viena, que tem por fim estabelecer uma «entente» completa acerca do desarmamento da Austria.—(L.)

Coisas que já temos ouvido
VARSOVIA, 31.—Depois dum discurso do presidente do conselho, sr. Bartel, que repeliu a insinuação de que deseja instituir uma autocracia e implantar uma dita-

CONTRA PROSTITUIÇÃO REGULAMENTADA

Inaugura hoje os seus trabalhos o Congresso Nacional Abolicionista

Assistem delegados da Federação Abolicionista Internacional e da Sociedade Espanhola Abolicionista

Na Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, avenida da Liberdade, 19, 1.ª, inaugura hoje, às 21 horas, os seus trabalhos o primeiro Congresso Nacional Abolicionista.

E' a primeira assembleia magna que se realiza em Portugal para discutir o magno problema da prostituição regulamentada. Neste congresso estão inscritos alguns dos nossos mais distintos pedagogos que ao terrível *malus* que é a prostituição têm dedicado o melhor do seu esclarecido espírito. Sem desprimor para os restantes congressistas salientaremos o nome de um deles: o dr. Arnaldo Brazão.

Este eminente pedagogo, numa brilhante série de artigos publicados no suplemento literário de *A Batalha*, traçou com pericia de mestre o quadro confrangedor da prostituição em Portugal.

Nesses artigos, com o seu usual brilho, o dr. Arnaldo Brazão sugeriu as medidas convenientes para emancipar-se a mulher, que o infortúnio conduz à venda do seu corpo, do ferrete ignominioso do livro de meretriz. Esses artigos o nosso ilustre colaborador soube historiar essa mazel moral que a nossos olhos se estadeia na cidade de Ulisses, se estadeia mesmo em toda a pátria de Viriato.

E, todavia, as suas doudas opiniões não foram respeitadas, como se a prostituição não fosse o maior microbio que corroe as vísceras da nossa personalidade.

O Congresso, pela autorizada voz do dr. Arnaldo Brazão e dos outros ilustres congressistas, vai novamente mexer no assunto. Pelos trabalhos apresentados tudo leva a crer que o Congresso Abolicionista marque como um acontecimento de grande importância social.

A Federação Internacional Abolicionista, de Genebra, faz-se representar no congresso pelo seu secretário geral, Mr. J. Reils, e a Sociedade Espanhola de Abolicionismo, de Madrid, pelo seu presidente dr. César Juaros.

Os esforços da aviação

Uma nova linha da Itália à Turquia

ROMA, 31.—O general Bonzani, sub-secretário da aeronautica, partiu de aeroplano para Brindisi, onde inaugurará amanhã a linha aerea Brindisi-Pireo-Constantinopla.—(L.)

Um avião que parte

SINGAPURA, 31.—O avião Allan Coburn partiu para Muntok, contando chegar a Batavia amanhã, domingo.—(FL)

NO REGRESSO DE LOURDES

A confirmação científica das curas miraculosas não obedece a preceitos dignos de crédito

A propósito conta-se a história da célebre cura da peregrina portuguesa Margarida Moreira

O *Primeiro de Janeiro*, com uma ligeireza e solicitude que eu lhe desconhecera, entrou hoje, às 11 da manhã, no meu gabinete de trabalho, comunicando-me o seguinte episódio, a que deu honras de acontecimento mundial:—Entre os 1.200 peregrinos que regressaram de Lourdes, veio Margarida Moreira, de Cete, que foi miraculada junto à Gruta Santa!

Constitui esse milagre na cura de uma úlcera, de que era portadora a referida moça.

Testemunham o facto os srs. bispos do Porto e de Leiria, bem como o dr. sr. Carlos Lima. Enaltecendo a maravilha, falaram já, do altar, os dois citados bispos e do pulpito, o reverendo Manuel Dias da Costa, que além dessa brilhante alocação, resou ainda uma missa, em acção de graças ao Senhor, pelo que acabava de obrar à sombra da tal gruta.

E mais nada! Absolutamente mais nada! Dos 1.200 peregrinos, que foram com as vísceras num trapo, os ossos num molho, os nervos destrambelhados, as carnes pululentas e as alegrias mortas, só aquela voltou miraculada.

Quanto aos outros—coços, surdos, cegos, paralíticos e demais cancerosos, que deviam ser muitos, a avaliar pelo que dizem os médicos e os jornais, nos seus noticiários, para esses tanto o Senhor como a Senhora foram mais do que padrosto e madrastra: foram cruéis, opondo à dor dos tristes um coração de ferro!

E, depois, que pobreza de cura! Que miséria, verdadeiramente franciscana, da parte da Santa Gruta ou do céu, na distribuição da graça! Na distribuição e na escolha do órgão miraculoso. Por que em lugar de a distribuir a um olho, a um queixo, a um braço, a uma perna, ou a qualquer outro membro visível e palpável, foi atirar com ela para dentro do estômago, onde ninguém pode ir confirmar o prodígio, admirar a víscera recomposta.

O *Janeiro* que me desculpe, mas fez mal em acreditar, assim, à primeira voz, uma coisa tão insignificante e tão banal, que chega quasi a ser grotesca.

O que lhe vale é estarmos no século XX e em regime de separação, ao menos *in partibus*, porque se fosse noutros tempos tinha que responder perante os tribunais do Santo Offício, por ter caído na levianidade de espalhar uma milagreza dessas tão reles e tão pífia que apenas serviria para diminuir a Senhora e desacreditar, ainda mais, a religião católica, a cujo serviço anda, como todos sabemos, a referida Senhora.

Interrompi, por um momento, a redacção deste ligeiro comentário, para ir consultar o meu *Dictionnaire critique des Reliques et des Images Miraculeuses*, a ver se por lá encontraria qualquer graça divina parecida com esta. Não achei. Tudo maior. Tudo muito maior. E não uma nem duas, nem dez. São às centenas!

O livro que acabei de citar caiu ao chão, ficando aberto a pág. 335. Ao ergue-lo noto

que, à margem, alguém poz três pontos de exclamação.

Confronte, pois, o leitor, a graça dessa pedra, com as graças que as portuguesas vão recolher a Lourdes.

Não traduzo, para lhe conservar toda a grandeza e... toda a graça.

«On voit, dans la Description des principaux lieux de France, de M. Dulaure, les détails d'une image de ce saint (Guignolet). Cette image ou statue était de pierre, couchée sur le dos dans une chapelle, absolument nue, ayant un membre viril très-considérable. Cette pièce était faite comme un baton de pierre postiche. On le poussait par derrière, à mesure que la dévotion des femmes qui venaient s'y frotter et le rader en diminuant la taille; de sorte qu'il paraissait toujours le même.»

Qual a virtude deste santo, preguntareis?

Vai também em francês, para não perder a tal graça.

«Les femmes stériles, ou qui craignent de l'être, allient à cette statue; et, après avoir gratté ou radé ce que se n'ose nommer, et bu cette poudre infusée dans un verre d'eau de la fontaine, ces femmes s'en retournent avec l'espoir d'être fertiles.»

Isso é fantástico, dirão algumas almas simples.

Qual fantástico. Pelo contrário, era um milagre vulgar, caseiro, ao alcance de todos.

Por que havia de se lhe tirar o chapéu, para raros apenas, como esse de certa freira que, em o menino Jesus, não descendo do céu, todas as noites, para jogar com ela a bisca lambida, fazia beicinho e tinha ataques.

Para aqueles que, porventura, julguem que tenho estado a fazer *biague* ou má linguagem, aqui deixo a opinião do falecido escritor Ramalho Ortigão, que para os católicos, que o levaram ao céu, é uma grave autoridade.

Pois dizia o forte panfletário a propósito de uma cega e de um coxo que também regressaram de Lourdes a ver e a andar: «Parece impossível que uma folha religiosa como *A Nação* desse cabimento nas suas colunas a um milagre tão miserável, tão safado, tão reles como esse!

«E ainda ousam dizer-nos—o que não pode ser senão por escárnio—que ela *anda*! Olha a grande facanha *andar*! Mas, senhores, tendo tido o trabalho de ir a Lourdes, o que essa mulher devia fazer, pelo menos, era correr, correr a sete pés, e trazer de lá para esse fim cinco pernas a maior do que as que levou!

«Outro tanto temos que dizer do cego. Unicamente para ver pelos olhos lesos, sem ir mais longe, tinha aí o sr. Mascará que lhe fazia o milagre no olho de cada lado num abrir e fechar do olho do lado oposto. Em Lourdes seria preciso, para sustentar os créditos da água na sua devida altura, que o homem não só principiase a ver pelos olhos mas que visse também por outros membros.

NOS "BAS-FONDS" DA CIDADE

Os moradores da Quinta do Marquês de Abrantes iniciam hoje o seu movimento

Os ferozes senhorios continuam ameaçando as suas vítimas

E' hoje que os pobres inquilinos da Quinta do Marquês de Abrantes, também conhecida pelo «Bairro Chinês» iniciam o seu justo movimento contra os seus ferozes senhorios. A partir de hoje, por resolução dessas duas centenas de miseráveis que habitam nos tugúrios do «Bairro Chinês», as rendas das barracas daquele bairro valerão apenas metade do que valeram até ontem.

Aquele sórdido cacião de 60\$00, que salientamos na nossa reportagem, renderá ao seu proprietário apenas 30\$00.

Aquele outro tugúrio de quatro metros quadrados onde moram seis pessoas e rende ao senhorio a mensalidade de 30 escudos ficará valendo apenas 15 escudos.

E mesmo estas importâncias ainda excedem o valor real dessas barracas. Tudo quanto passa de 10\$00 é demais para uma renda de barraca de cão.

E o que são mais do que barracas de cães esses tugúrios onde se amalgama uma multidão de proscritos da vida?

Acaso possuem melhores condições higiénicas essas miseráveis moradias do que algumas *vivendas* da raça canina?

Todavia os senhorios do «Bairro Chinês» impuseram aos seus inquilinos rendas pesadas, rendas que não correspondem ao valor real das pocilgas habitadas por seres humanos.

Por esta razão os inquilinos tomaram aquelas resoluções de que nos fizemos eco há dias, resoluções que consistem em as rendas passarem a valer metade do que valeram até ontem.

Em virtude da atitude dos inquilinos, os senhorios do «Bairro Chinês» não se cansam de ameaçar as suas vítimas, como se o gesto destas não fosse determinado pela usura daqueles.

Asseveraram-nos que esses cavalheiros se propõem provocar os inquilinos a fim-de que estes se exaltem e um conflito provoque a intervenção da autoridade, que nestas lutas se coloca sempre ao lado do mais forte.

Apesar deste *truc* nada conseguirão, porque os desterrados do «Bairro Chinês» saberão responder a todas as provocações com aquela altivez com que souberam lutar-se na luta.

«Há umas tantas coisas que *A Nação* devia ter vergonha de as dizer... O que *A Nação* precisava era que lhe deixassem um bom escapulário a esse respeito, para *A Nação* ficar então sabendo o que são milagres. Porque *A Nação* não sabe o que são milagres!

«Por o padre cego a ver e a paralítica a andar, não passa de uma habilidade de meidinho, um bocadito de geito!

«Vir à feia unicamente com uma porcaria dessas parece mesmo de propósito para fazer perder à gente o gosto pelas devoções.»

(As Farpas, 3.ª série, tom. II, Fevereiro de 1878, pag. 21 e 26).

O que à *Nação* aconselhou em 78 o velho Ramalho, aconselhe eu agora, em 926, ao *Primeiro de Janeiro*: há umas tantas coisas que ou se não dizem, ou se dizem como nas comédias: com graça, para a gente se rir.

Tomás da FONSECA

dura, confirmando o decidido desejo de paz da Polónia, o Senado aprovou a lei concedendo plenos poderes ao governo. — (L.)

A reacção capitalista Poincaré entra em ditadura constitucional...

PARIS, 31.—A Câmara dos Deputados iniciou esta manhã o debate financeiro. O sr. Poincaré demonstrou que os projectos actuais visam a melhorar rapidamente a situação do tesouro, estabelecendo assim o plano geral de levantamento financeiro, que o governo projecta, tendente a levar o franco ao seu valor real e depois à sua estabilização. O sr. Poincaré iniciou a Câmara a sacrificar-se pelo levantamento das finanças, sendo as propostas aprovadas successivamente na generalidade, por 389 contra 150, estando presentes 540 votantes. A Câmara dos Deputados aprovou ontem uma disposição proibindo aos deputados a apresentação de emendas durante o debate sobre as propostas de finanças, que assim poderão ser promulgadas na quarta-feira. O sr. Poincaré apresentará em seguida os novos projectos de consolidação voluntária e as bases acerca da criação da repartição dos tabacos, cujas obrigações serão substituídas por «bons» a curto prazo. — L.

A Alsacia Lorena são francesas, não se pode duvidar

PARIS, 31.—A Câmara dos Deputados aprovou ontem uma lei contendo pesadas penas para os investigadores de propaganda separatista de qualquer provincia francesa. Esta lei visa oficialmente os recentes maneios separatistas levados a efeito na Alsacia-Lorena. — L.

Trocam-se impressões sobre o câmbio

PARIS, 31.—Os srs. Francqui e Vandervelde, nas suas conferências com os srs. Poincaré, Briand e Bokanowski, deliberaram realizar frequentemente trocas de impressões em Paris e Bruxelas, relativamente ao levantamento do franco. — L.

Protestam os hoteleiros contra os impostos

BRUXELAS, 31.—Os proprietários dos hoteis protestam contra o aumento de 20 % na taxa aplicada aos turistas, e apresentaram, também o seu protesto contra o estabelecimento da nova taxa de 10 francos diários para os automóveis ao serviço de estrangeiros. — L.

Três «inocências» condenadas

PARIS, 31.—Foram condenados três banqueiros a seis meses de prisão por aconselharem clientes, que desejavam comprar títulos de defesa nacional, a adquirir papéis industriais. — (L.)

Para calar as bocas

PARIS, 31.—O preço do pão diminuirá em toda a França de 5 centimos, a partir de 1 de agosto. — (H.)

As grandes calamidades

Um fortíssimo abalo de terra no Norte da Europa

LONDRES, 31.—O abalo de terra que se sentiu ontem na costa do canal foi duma grande gravidade. As habitações junto à costa oscilaram durante vários segundos e grandes ondas galgaram a costa em toda a sua extensão. O tremor de terra causou também considerável alarme nas ilhas de Jersey, Guernsey e Alderney. Numerosas casas foram destruídas e as vagas arrancaram pequenas habitações, monumentos, ornamentações e quadros exteriores das que conseguiram manter-se de pé. As paredes que conseguiram manter-se abriram grandes fendas e o campanário da igreja paróquial de Saint-Sauveur ficou inclinado. Cairam várias chaminés e os estragos em janelas e estufas foram gerais. Na costa francesa do canal, o abalo sísmico fez-se especialmente sentir em Saint-Malo, Rennes, Granville e outros pontos, e do lado britânico em Bournemouth, e em vários outros locais, nomeadamente em Hampshire e Dorsetshire. — (L.)

Um tufão destruidor

NASSAU, 31.—O tufão passou sobre Nassau causou basta destruição, abalando numerosos edificios e fazendo naufragar alguns barcos, morrendo alguns passageiros e tripulantes. — (H.)

Os abalos sísmicos

PARIS, 31.—Nas provincias da Normandia, Bretanha e da costa do canal sentiram-se ontem fortes abalos sísmicos acompanhados de ruídos subterrâneos. Não consta ter havido estragos. — (L.)

A proveitosa agilidade simiesca

PARIS, 31.—No grande incêndio manifestado no Jardim Zoológico, houve grande mortandade em aves raras. Os macacos conseguiram escapar, refugiando-se no bosque de Bolonha. — (L.)

O que faz o Diabo...

MEXICO, 31.—O arcebispo Morale do Rio anunciou a cessação de todas as funções religiosas, em virtude da aplicação da nova lei religiosa. O governo ordenou o desarmamento de todos os católicos a fim de impedir que eles se possam opor à aplicação da lei. — (L.)

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Encarnita Marzal e Pilar Calvo

A «tonadilla» Encarnita Marzal, que antecedeu se estreou no Foz, e das artistas espanholas mais interessantes que nos últimos anos têm pisado palcos portugueses. Sublinhando admiravelmente os seus «couplets» — as últimas novidades madrilenas — e vestindo com um luxo e um gozo excepcionais, a sua formosura, a sua voz e a sua elegância tornam-na uma das primeiras figuras das variedades. E assim se explica que, em «matinées» e «soirées», o público a aplauda delirantemente, fazendo-a exceder sempre o seu magnífico e variado programa.

Pilar Calvo, a encantadora bailarina espanhola que ontem se estreou, triunfou também completamente, tendo obtido quantos aplausos as «Sœurs Dumaine», notável «pareja» francesa de bailes modernos, e os acrobatas ingleses «The Steineretty's».

Assinem Os mistérios do Povo

UM CENTENÁRIO TRÁGICO

Faz ontem cem anos que em Espanha se realizou um bárbaro acto de fé

O fanatismo católico leva os homens à prática dos mais revoltantes actos de crueldade

Reinava em Espanha o reaccionário Fernando VII, reposto no trono pelas armas francesas do duque de Angoulême. Era preciso aliar os liberais por actos de força e do mais requintado despotismo! Campeões pois o fanatismo e todos os conservadores se deram as mãos para esmagar a liberdade, que desde 1812 irradiava das cortes de Cadiz.

Um verdadeiro terror branco dominou o ambiente social, perseguições, ódios e violências de toda a ordem multiplicavam-se e, para cúmulo, reacenderam-se as fogueiras da Inquisição que já estavam quasi esquecidas!

Passa o centenario dum autêntico acto de fé ali realizado com todo o aparato e réclame. Podíamos descrever-lo com palavras nossas, mas é preferível, para que nos não venham atribuir exageros facciosos, deixar falar o autor que temos presente: Vauclaire (Histoire des deux Restaurations, vol. VI, pag. 493):

«Dois anos e meio depois da queda de Cadiz, tornaram-se a acender as fogueiras da inquisição em Espanha, e a Europa teve conhecimento, com espanto, de que o fanatismo acabava de insultar a religião de Cristo, com mais um sacrificio humano.

Em 31 de Julho de 1826, um auto de fé, anunciado com bastante antecipaçaõ, nas principais cidades da península, chamou a Valência grande multidão de católicos zelosos.

O condenado era um judeu, o seu crime a heresia. Conduzido entre duas longas filas de frades entoando os cânticos do rei David, ia o desgraçado vestido com o sambento, espécie de blusa cheia de pinturas representando diabos invertidos, e na cabeça uma grande mitra de cartão com labaredas pintadas.

Dum lado e do outro do padecente marchavam dois dominicanos que chamando-lhe irmão infeliz, lhe iam prometendo, em recompensa do seu supplicio, todas as felicidades da outra vida.

Quando o cortejo que era precedido pelas bandeiras de São Domingos e de Santo Inácio de Loyola, chegou ao pé do pátio, um dos dois frades pronunciou um longo sermão. Os assistentes mais devotos acovelavam-se então na frente trazendo matérias inflamáveis.

Acabada a pregação acendeu-se a fogueira e cada um procurava, qual mais diligente, lançar-lhe o que trazia; este lenha, aquele bolas resinosas, outros estopa embebida em alicatão etc.

Estas matérias iam sendo acumuladas em volta da vítima que, ligada fortemente a um poste, não podia, ainda, por cima estava amordaçada para não se ouvir gritar. Esta ultima precaução ainda parece insufficiente, pois que desde que as chamas se levantaram e começaram a envolver o condenado os frades juntamente com a multidão romperam em cantos e hinos tão sonoros, que dominavam todos os outros ruídos e não cessaram de cantar senão quando já não restava de tudo mais do que um grande brasero.

E a Espanha, por estas e por outras passagens da sua história, que nos dá o exemplo do mais frisanste, intuitivo e trágico do destino reservado às nações que se deixam guiar pela Igreja. E' bom que o não esqueçamos.

A. L.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

Teatro da Trindade

Telef. T. 976

Últimas récita com o

O Patriota e com a «bluette» Pomada Amor

QUARTA-FEIRA, 4

Reparação de Lucília Simões

na comédia

O Homem das 5 horas

Teatro da Trindade

Telef. T. 976

Últimas récita com o

O Patriota e com a «bluette» Pomada Amor

QUARTA-FEIRA, 4

Reparação de Lucília Simões

na comédia

O Homem das 5 horas

Teatro da Trindade

Telef. T. 976

Últimas récita com o

O Patriota e com a «bluette» Pomada Amor

QUARTA-FEIRA, 4

Reparação de Lucília Simões

na comédia

O Homem das 5 horas

Teatro da Trindade

Telef. T. 976

Últimas récita com o

O Patriota e com a «bluette» Pomada Amor

Notas & Comentários

Nos arrais monárquicos

O Correo da Manhã, órgão monárquico, que há dezoito meses vinha sendo dirigido pelo sr. Lopo Vaz, mudou de direcção. Desintelligências no seio do partido realista levaram o seu director a deixar o seu lugar e o sr. Aires de Ornelas a cessar de financiar-lhe. As juvenudes monárquicas passam agora a fornecer-lhe os subsídios materiais e o seu novo director que é o dr. sr. Fernando Pizarro. O órgão da causa perdida vai, ao que parece, rejuvenescer tanto quanto lhe permitam as velhas ideias que defende.

A mania das leis

A abundância da legislação é o grande defeito depois. Legisla-se para tudo e a propósito de tudo. E até se legisla para agravar mais os erros provocados pela legislação que já existe. O sr. Soares André também legisla e um diário da tarde de ontem transcreveu. E legisla para quê? Para acabar com as greves. A lei, como é de uso, tem varios artigos e bastantes parágrafos. Pela sua leitura depreende-se que se pretende estabelecer uma comestinha comparticipação de lucros, socialmente injusta e estruturalmente burguesa. Mas o mais extraordinário não é a asneira legislada, porque há muitas nas mesmas matérias. O extraordinário é que o legislador está absolutamente convencido de que aquele articulo acabado de ver com as greves. Como se as fones secessem porque um sequioso delas bebesse algumas gotas.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

— DR. —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos \$500

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

ENCONTROU-SE FINALMENTE

um remedio contra a asthma?

Um medico muito conhecido o provára a todas as pessoas que dela sofrem em Lisboa

«Por minha conta exclusiva desejo que todos os Asthmaticos de Portugal experimentem o meu tratamento.»

Eis o que annuncia O Dr. R. Schiffmann (diplomado pela Academia de Medicina de St-Louis) a todos os doentes, acrescentando: «Por mais violenta que seja a crise, no caso mais crónico, ou por mais antigo que seja o soffrimento, o Asthmador ou os Cigarros Asthmador darão positivamente um alivio instantâneo geralmente dentro de 10 ou 15 segundos, mas sempre dentro do mesmo numero de minutos. Sabe ele tudo quanto milhares d'Asthmaticos obtiveram do seu tratamento, a pesar de terem perdido toda a esperança de encontrar um remedio que os aliviasse.

Para convencer aqueles que ainda não experimentaram as suas especialidades, acaba ele de tratar dos acordos necessários para que cada doente possa obter uma avultada amostra de Asthmador, pedindo-a gratuita e simplesmente ao seu farmaceutico habitual — ou a qualquer farmaceutico de Portugal dentro de três dias (ou enquanto durar a distribuição). Quer o doente viva numa grande ou numa pequena localidade, basta entrar em qualquer farmácia para obter tal amostra. Esta prática experiencia será a prova mais convincente da afirmação do Dr. Schiffmann. E de resto a única forma de convencer o preconceito natural de milhares de Asthmaticos que até hoje não encontraram alívios. Os doentes afastados das localidades com farmácia e que não possam viajar, não terão mais do que dirigir um bilhete postal, com o nome e endereço completos, pedindo a amostra gratuita ao Depósito do Dr. Schiffmann, 8 Cais do Sodré, Lisboa, e recebê-la-hão immediatamente franco de porte.

DESPORTOS

Esgima

Um torneio no Monte Estoril

No próximo domingo 8 de Agosto vai realizar-se, no Monte Estoril, um importante torneio de espada para a disputa dum taça oferecida pelo conhecido esgrimista sr. Manuel Pinheiro Chagas. Os assaltos realizam-se de dia e no salão de festas do Casino Internacional, sendo a organização dirigida pelo mestre de armas sr. Carlos Gonçalves. A inscrição é extensiva a atiradores nacionais e estrangeiros.

Ciclismo

E' hoje que a União Velocipédica Portuguesa faz disputar, numa prova de 100 quilómetros, a artística e valiosa Taça União, oferecida há 6 anos à nossa Federação ciclista por um grupo de dedicados unionistas e que há 2 anos seguidos é ganha pelo Grupo Sport Cruz Quebrada.

O percurso da prova é Mercado Geral de Gados, Lumiar, Luz, Amadora, Carique, Belas, Idanha, Algueirão, Lourel, Encerra, Mafra, Malveira, Louza, Loures, Campo Grande (Mercado, Ouzal de Gados) e a partida será dada ás 7 horas.

TIVOLI

Telefone N. 5474

Matinée ás 3 h. — Soirée ás 9 h.

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

600.000 francos

por mês

Comédia em 8 partes com Nicolas Hottel

MALACARA

Film de aventuras em seis partes com Tom Mix e o seu celebre cavallo

UM DOCUMENTARIO

UMA CINE-REVISTA

AMANHÃ

Um casamento

à americana

COM OSSIS OSWALDA

CARLOS PEREIRA TRIUNFA

A estação dos Barbadinhos vai sofrer importantes melhoramentos

O ministro do Comércio, conformando-se com o parecer do Conselho Superior de Obras Públicas, aprovou o projecto de uma nova estação elevatória nos Barbadinhos apresentado em 9 de Julho do corrente ano pela Companhia das Águas de Lisboa, na importância de 2.200.000\$00, sob as seguintes cláusulas:

1.ª A Companhia será obrigada, logo que entre em funcionamento a 1.ª secção de máquinas da nova estação, a proceder aos melhoramentos necessários das máquinas de vapor actuais, para ficarem constituindo uma reserva independente que garanta a continuação do fornecimento presente, na hipótese da interrupção do serviço nas novas máquinas a adquirir.

2.ª A Companhia é autorizada a executar quaisquer modificações do projecto do edificio, quando sejam pedidas pelas casas fornecedoras de maquinaria, (para adopção dos seus tipos de instalação corrente, nas propostas que fizerem no concurso que será de executar-se para aquisição daquelas novas máquinas.

NO QUARTEL DO CARMO

O general Carmona considera traidor a patria aquele que atentar contra a Republica

Outras declarações que convem arquivar

O general Carmona, actual presidente do ministério, visitou ontem o Quartel do Carmo. A visita, como todas as visitas officiaes, não oferece interesse a reportagem. Foi uma visita revestida da habitual pragmatica onde as afirmações de fé republicana se fizeram em abundância.

Não nos referiríamos a esta visita se dela não houvesse a aproveitar o seguinte: as declarações do chefe de governo. São de tal oportunidade essas declarações que o leitor não dará por mal empregado o tempo se delas tomar conhecimento. Ora ouça:

«Dizia-se antigamente que a fronteira da Europa terminava nos Pireneus. Hoje diz-se que a fronteira europeia termina na nossa fronteira. Meus senhores, é necessário que Portugal batalhe, que Portugal prodiga. Estou inteiramente convencido que a G. N. R., como de resto todo o Exército e Marinha, saberão auxiliar o governo, que usará então de todo o rigor para aqueles que pretenderem alterar a ordem nos espiritos e nas ruas. Nunca fui politico. Sou o agora, porque sou chefe do governo, repito, pela força das circunstâncias. O meu lema, o lema do governo, é a máxima tolerância, mas também o máximo rigor para os maus patriotas que pretendam lançar o país em novas e perturbadoras convulsões.

Enquanto o general Carmona tomou fôlego falou o comandante da G. N. R., coronel Valadas, que disse poder o governo contar com a corporação que comanda.

A estas palavras, o general Carmona respondeu ainda:

«Esquecia-me dizer que o problema politico actual é tão complexo e difficil, que eu affirmo que todo aquele que pretender neste momento uma mudança de regime, seria um traidor à Patria. A Republica está hoje radicada no espirito da maioria dos portugueses. Aquelle que atentasse contra ella, digamos conscientemente com as responsabilidades inerentes ao meu cargo, era um autêntico traidor à Patria e como tal seria castigado.

Excursão à Guarda

Promovida pelo Grupo de Propaganda do Grémio Beirão realiza-se no dia 3 de Agosto uma excursão à cidade da Guarda. A chegada dos excursionistas aquella cidade está marcada para as 10 horas do dia 4 de Agosto, esperando-se que os congressistas sejam recebidos festivamente pelos Bombeiros Voluntários e Câmara Municipal, povo e associações da Guarda.

Os excursionistas que desejarem hotel devem inscrever-se até hoje, ás 23 horas, no Grémio Beirão.

Bombeiros Voluntários da Guarda

O Grupo de Propaganda da Guarda, aggregado ao Grémio Beirão, vai na terceira-feira proxima em excursão à Guarda oferecer um lindissimo Livro de Ouro à Corporação dos Bombeiros daquela cidade, por occasião do 50.º anniversário da sua fundação. Trata-se de uma bela joia artistica que hoje estará em exposição na sede do Grémio, à rua da Fé, 23. O brasão da cidade foi cinzelado segundo indicações da Associação dos Arqueólogos — que é o antigo escudo encimado por uma coroa mural de cinco torres.

A inscrição dos excursionistas que queiram acompanhar o Grupo da Guarda e aproveitar a redução no preço dos bilhetes encerra-se hoje, na sede do Grémio Beirão, até ás 23 horas.

A partida é no dia 3, pelas 21 horas, da estação do Rossio, e a chegada à Guarda, ás 10 horas do dia 4. Haverá recepção na Câmara Municipal e Quartel dos Bombeiros.

Na Guarda há grande entusiasmo.

Queixas e reclamações

Patrões modelos

Vieram referir-nos o seguinte: Ao serviço da firma Ferreira Marques, filho, com estabelecimento de joias e pratas no Rossio, encontravam-se desde há tempos os empregados no comércio Joaquim Lemos e Luis Maria. Há dias, como os dois empregados se recusassem a fazer um serviço violento, foram despedidos pelo seu patrão, sem que lhes pagasse o ordenado como estabelece a lei. A um dos referidos empregados mandou o sr. Ferreira Marques prender quando reclamava o pagamento do seu ordenado. Em virtude do insólito procedimento daquele patrão para o Tribunal dos Arbitros Avdores seguiu já a respectiva participação.

TEATRO

AVENIDA HOJE

Telef. N. 4356 E TODAS AS NOITES

O FAMOSO

Dr. da Mula Ruça

Primoroso desempenho

Orquestra Jazz-Band

A BATALHA

São Tiago do Cacém

Um padre que se apodera velhamente dos serviços do registo civil

SÃO TIAGO DO CACÉM, 29. — Esta vila tem sido, desde os tempos mais remotos, um feudo onde pululam os espiritos mais retrógrados e reaccionários, e não podem tolerar que dentro do seu concelho exista uma povoação onde impera uma forte corrente de indivíduos de cérebros desmpeceirados, que não se submetem aos caprichos da reacção, fazendo-a sempre arrear caminho quando pensa em pôr em execução qualquer dos seus absurdos caprichos.

Mas como os reaccionários não dormem e procuram sempre encontrar momento azado a exercer vingança, aproveitaram a occasião de o empregado do registo civil, por motivo de mudança de residência, ter pido a sua exoneração, para collocarem o padre nesse lugar vago, dando com isso uma bofetada nos liberais cerebraes.

Ficou o padre radiante com tal nomeação! Agora é que os liberais viriam beijar-lhe a patá quando tivessem a necessidade de recorrer ao registo civil! Mas se ele, a pesar de padre, desempenhasse os serviços como devia e a lei preceitua, vá, mas não.

Como é do conhecimento de todos, a família do campo, gente inculta e que parte dela não tem conhecimentos para poder avaliar um determinado numero de coisas, ao levar qualquer recém-nascido a registar, o padre, aproveitando-se da ignorância dessa pobre gente lá conduz a criança a receber a caldeira de água choca na casa santa. Há dias, o nosso amigo Mateus Godinho, estando a terminar os 30 dias depois do nascimento de um seu filho, com dois ou três dias de antecedência, preveniu o tnsurado empregado do registo civil, de que na segunda-feira seguinte, precisava de proceder ao registo do garoto, respondendo-lhe o papa-ristas a gaguejar: — Não posso, não posso, nesse dia tenho que sair.

Não mais o nosso amigo Godinho quis saber de tal assunto; e qual não foi o seu espanto, quando dias depois lhe chega à porta o reverendissimo empregado do registo civil, a preveni-lo de que «em que regendo já podia tratar do registo da criança»; determinando o nosso amigo, tratar do caso antes de terminado o prazo legal.

Mas há mais. Pessoa de máxima confiança acaba de nos informar do seguinte: Precisando também um outro individuo de registar o nascimento de um filho, foi ter com o padre funcionário do registo civil a preveni-lo de que nesse dia queria proceder ao acto; e como o padre tivesse sido chamado a ir a São Luís (uma outra freguesia onde elle costuma ir papa hóstias e... notas) regougar respostas a um defunto, pediu ao pai da criança para que o deixasse ir caçar as massas à família do defunto, e que, no seu regresso, mesmo à noite, se faria o registo da criança. E assim fez; pois, segundo nos informam, nesse dia, já de noite, procedeu ao registo civil de nascimento da criança.

Ora este maldisso tnsurado bem sabe que a lei não permite fazer-se qualquer registo depois de passada uma determinada hora; mas não quer saber disso, pois as leis desta republica são para elle velhos papéis inúteis que de nada valem. Bom será que as entidades que têm por dever fiscalizar estes serviços tenham conhecimento do suicidio, para fazerem entrar na ordem este roupeira.

Inconsciência operária

Existem por aqui alguns operários da construção civil que, com o fim único de assambrarem trabalho, oferecem os seus serviços profissionais, trabalhando de sol a sol, sem mais remuneração alguma além das 8 horas.

Estes desgraçados, além de se não importarem com a falta de trabalho que provocam contra os seus companheiros de trabalho que só trabalham 8 horas, não respeitam o sangue vertido por todos os mártires em prol do dia normal de 8 horas de trabalho!

Além de patifes, são uns sabujos!

Faro

Ferocidade patronal

FARO, 30.—O industrialismo nesta cidade, aproveitando-se da crise de trabalho que o operariado está atravessando, mantém para com os operários o pior dos despotismos. De entre as varias indústrias, a que mais tem feito sentir estas anomalias é a metalúrgica e para o que muito tem contribuído a sua desorganização sindical.

Assim, existe um tal sr. Almeida, sócio da firma metalúrgica Almeida & C., L.d., que de homem só tem a configuração, porque não passa de uma fera humana, que se destaca de entre os restantes patrões, pela forma incorrecta e selvagem como trata com os operários da sua officina. Para o sr. Almeida, tanto faz que seja um aprendiz, como um official, a todos trata com o mesmo desdém e aquele seu palaviado habitual, por vezes cheio de insultos e obscenidades. Além disto, este sr. mantém na sua officina — como em tantas outras — o horário de 10 horas, por dia, e ameaçando com a porta da rua, quem não se queira sujeitar ás suas imposições.

Oxalá que os trabalhos iniciados pela U. S. O. local, para a reorganização dos metalúrgicos, encontrem o necessário acolhimento entre estes, para que de futuro se evitem semelhantes anomalias.

Um

10

A BATALHA

Os moradores do «Bairro Chinês» iniciam hoje o seu justo movimento contra a vil exploração dos seus senhores.



LUTA DE CLASSES

A extinção da escala de trabalho nas classes marítimas colocaria numa situação de miséria milhares de trabalhadores

Os trabalhadores do tráfego do porto de Lisboa foram também atingidos pelo «lock-out» proclamado contra os estivadores

Estão desde há dias em luta com os armadores os estivadores do porto de Lisboa. Os motivos deste conflito, que vai tomando proporções de certo cuidado, já foram revelados por nós há dias. Trata-se de uma luta defensiva de uma velha regalia das classes marítimas: a escala de trabalho. Esta, como mais de uma vez salientámos, consiste na distribuição equitativa do trabalho. Quere dizer: todo o trabalho de estiva que haja a realizar será distribuído pelos estivadores inscritos no boletim do Sindicato. Exemplificando: um armador carrega hoje de 20 estivadores. No boletim do Sindicato estavam inscritos para trabalhar 50 estivadores.

Para satisfazer as exigências daquele armador os primeiros 20 inscritos eram os que marchavam, ficando à cabeça, para uma nova chamada, o vigésimo primeiro inscrito nesse boletim. No dia seguinte o mesmo armador requirava 30 estivadores e os 30 estivadores que na véspera não foram abrangidos pela escala iam nesse dia trabalhar. Como o leitor verifica este é um princípio absolutamente humano, um princípio que acautela os interesses daqueles trabalhadores menos protegidos pela sorte. Com o princípio defendido agora pelos armadores, o caso muda de figura. O armador precisa de 20 homens e vai buscá-los ao local do conto. Por este processo o mesmo estivador trabalha todos os dias, porque o trabalho é dado por razões, enquanto o seu colega se define à míngua de recursos. Manda a verdade que se diga que não são só os armadores os culpados desta situação. Mais ainda: não são os armadores os maiores responsáveis deste estado de coisas. Este triste título de glória cabe aos estivadores gerais e aos encarregados da estiva.

Os primeiros como representantes dos armadores não lhes convém a escala porque ela não permite o compadrio. Com a escala todos trabalharão, todos auferirão os mesmos proventos e é isso que não convém aos estivadores gerais. Aos encarregados da estiva, que são os indivíduos a quem está cometida a direcção desses trabalhos, não lhes convém igualmente esse princípio humano porque ele inutiliza a obra de protecção em que eles e os estivadores gerais estão empenhados. Por singular aberração há ainda alguns estivadores a quem não convém a escala. E sabe o leitor porquê? Porque a escala faz-lhes responsabilizar pelos seus actos. Se de bordo desaparecer alguma coisa esse estivador é responsável porque lá está o Sindicato em última instância que ficará responsável por qualquer delinquência. Mas estes estivadores são em reduzido número. A grande maioria, que constitui a parte da classe, quer a escala porque ela marca um princípio humano e de solidariedade operária que não há motivo para desprezar. Devido a este estado de coisas o conflito tende a agravar-se. Já não são só os estivadores os atingidos pelo lock-out dos armadores. Há mais trabalhadores que tiveram que cruzar os braços, atingidos por essa brutal medida.

Os trabalhadores do tráfego do porto de Lisboa há dias que foram lançados no inálibor. O lock-out dos armadores atingiu-os a eles também. Esses humildes trabalhadores estão numa situação bastante afilada. Enquanto não estava estabelecida a escala de trabalho esses humildes servos atravessavam a pior das existências. Houve até alguns casos de morte causada pela fome. Agora que a situação se tinha modificado num sentido melhor surge a perspectiva da fome, dessa fome que arrasta o homem aos actos mais condenáveis. Porque não se resolvem os armadores a romper com as ambições dos estivadores gerais e dos encarregados de estiva?

Porque não aceitam os armadores o trabalho pelo sistema de escala se ele não traz desvantagens materiais e traz vantagens morais? Cremos que se o fizessem todos ganhariam, excepto os estivadores gerais e encarregados, mas estes não representam a vontade de uma classe. Se os armadores não pensarem assim mais dias se avizinhará, pois a atmosfera começa a adensar-se como horrível prenúncio de catástrofe.

Prossegue inalteravelmente o movimento dos estivadores do porto de Lisboa

Mantém-se com a coragem do primeiro dia o movimento dos estivadores do porto de Lisboa iniciado há dias contra a pretensão dos armadores em extinguir a escala de trabalho.

A Associação dos Estivadores continua a receber adesões. Ontem, respeitando o princípio até aqui seguido no trabalho de estiva, foram fornecidos estivadores para as seguintes casas: Diogo Joaquim de Matos, Bettencourt, Limit. e Companhia União Fabril.

A classe encontra-se unida e disposta a manter-se na luta até completa vitória.

Os estivadores reúnem hoje para apreciar a marcha do conflito.

Declaram-se em greve os corticeiros da firma Martins de Goina, do Seixal

SEIXAL, 30.—Os corticeiros da firma Martins de Goina declaram-se em greve contra a medida arbitrária daquele industrial de impor ao pessoal empregado trabalho além das 8 horas normais e de submeter os serventes, a quem paga a 10800 por dia de trabalho, a um regime de 10 horas de trabalho.

A atitude dos grevistas foi um gesto próprio de operários conscientes. Pena é que tivessem ficado a trabalhar dois corticeiros, gesto que foi acaremente comentado por todos aqueles que presam a sua dignidade.

O Sindicato Corticeiro desta localidade roga a todos os corticeiros do país que não venham trabalhar para aquela firma enquanto durar a greve.—E.

CARTA DE COIMBRA

Um escândalo no Hospital da Universidade

COIMBRA, 30.—E' já tradicional apontar-se os hospitais da Universidade como autênticos focos de imoralidade.

De quando em vez corre à boca pequena um escândalozinho que, mais ou menos fantasiado, vai estabelecendo no povo uma desconfiança e antipatia por aquelas casas de saúde.

Já se têm formulado na imprensa queixas graves sobre o que internamente ali se passa. Ainda há poucos anos, a propósito dum conflito surgido entre os estudantes de medicina e o actual director dos hospitais se fizeram graves revelações, que aliás nunca foram desmentidas, que atingiam criaturas com responsabilidades na direcção destes estabelecimentos.

Surgiu há dias, porém, um caso que não abona muito bem o prestigio daquela casa e que vem comprovar, afinal, que a moralidade é coisa que anda aos pontapés dentro do hospital da Universidade.

O caso a que nos referimos é daqueles que merecem referência e a que a imprensa local tem votado uma profunda indiferença. Diz-se até que alguém, directamente ligado a este caso, foi à redacção de dois jornais pedir para se occuparem do assunto, no que não foi atendido, não sabemos sob que razões. Por este facto já algumas pessoas têm estranhado que a Batalha não se tenha occupado do assunto, o que tem levado essas pessoas a fazerem considerações menos justas ao nosso jornal.

Se a Batalha ao caso se não tem referido, é por não termos tido há mais tempo informes detalhados, pois não temos por norma atacar seja quem for sem que saibamos da justiça desses ataques.

Pósto isto, vamos ao assunto. Um médico, assistente da Faculdade de Medicina, persegue com as suas propostas amorosas uma rapariga, praticante de enfermagem.

O médico, não obstante ser casado, assedia a pequena a ponto de a ceder às propostas do amoroso Esculápio.

Mas como os D. Juans nem sempre se saem bem das suas proezas, surge um parente próximo da seduzida, empregado também no hospital, que aplica uma formidável tarefa no infeliz conquistador.

Daqui é que nasceu o escândalo. Eis que surge um simulacro de inquérito, para salvar a moralidade ofendida.

Resultado desse inquérito relâmpago? A praticante, vítima duma sedução, é expulsa do serviço.

O médico, único culpado, o único imoral, suspenso de exercer serviço de noite.

Isto é o médico, qual papão de meninos, só de noite é que pode tornar-se perigoso! Oh moralidade!

Alguém nos chama a atenção para o facto de a Direcção da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis não se ter preocupado com este facto, tanto mais que a praticante expulsa é sócia da Direcção.

Dizem-nos, ainda, que a acção da Direcção é inteiramente nula, não se preocupando com a situação moral ou material dos associados, mas que quando se trata de homenagear os directores dos hospitais, até aos que mais tiranos se têm mostrado para com o pessoal, é ver os elementos categorizados da associação a agitarem-se, a trabalhar para que a festa resulte imponente, para ver quem dá mais vivas ao sr. director.

E os sócios podem ser vítimas de todas as injustiças, que os corpos directivos ficam mudos e quedos.

No próximo número continuaremos este assunto, em que teremos de examinar a acção de muitos senhores enfermeiros que, em detrimento dos seus colegas, só tratam dos seus interesses pessoais, deixando os colectivos para o ostracismo.—C.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Vão reorganizar-se os metalúrgicos de Faro

FARO, 29.—A convite da U. S. O. desta cidade, reuniram na passada quinta feira os operários metalúrgicos desta cidade, para a reorganização do respectivo sindicato.

Pelo secretário geral foi exposta, aos metalúrgicos, a necessidade de reorganizar o seu baluarte associativo e sendo lido um officio e uma circular da Federação Metalúrgica.

Francisco Xavier Pereira, da comissão reorganizadora dos Sindicatos, demonstrou as vantagens da sindicalização dos metalúrgicos e a necessidade de se defenderem da exploração patronal que em larga escala é exercida.

Depois de várias impressões trocadas entre os presentes, ficou nomeada uma comissão reorganizadora do referido sindicato, composta dos seguintes metalúrgicos: Manuel Miguel Afonso, João Dias, António Leal, João B. Alinhado e Manuel Miguel.

Ficou resolvido reunir na próxima terça feira, pelas 21 horas, em assembleia magna para a nomeação dos respectivos corpos gerentes.

Grupo das Nova Mascotes

Realiza-se hoje, no Grupo das Nova Mascotes, Costa do Castelo, 126, 2.ª, uma «matinée», às 15 horas, havendo baile abrandado por quarteto e «Jazz-Band».

IMPRESSÃO

«Alma Feminina»

Acabamos de receber os números 2 e 3 desta esplêndida revista feminista, órgão do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e dirigida pela médica D. Adelaide Cabete.

Os números que temos presentes são interessantes: o número 2 constitui uma singela homenagem à falecida dr.ª Carolina Michaelis de Vasconcelos colaborado pelo dr. Henrique de Vilhena, D. Branca de Gonta Colação, D. Aurea Judite do Amaral, dr.ª Aurora Teixeira de Castro, D. Maria Susana Ruivo, e o n.º 3, dedicado ao congresso abolicionista que se inaugura hoje e colaborado pelas senhoras D. Angélica Porto, doutora Aurora Teixeira de Castro, D. Albertina Gamba, dr.ª Adelaide Cabete, D. Delfina Serrão e D. Vitória Pais F. de Andrade, publica as teses que o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas envia ao referido congresso abolicionista.

INTERESSES DE CLASSE

Os operários municipais e a vereação

Foi em fevereiro de mil novecentos e vinte e cinco que o operário municipal, num gesto nobre e altivo, abandonou o trabalho e se lançou numa luta contra a vereação opressora, que havia tempo se desfazia em promettimentos, em resposta às reclamações repassadas de razão que lhe eram apresentadas.

Insistentemente os trabalhadores municipais evocavam a sua vida repleta de amarguras e a existência angustiosa que atravessavam suas famílias.

A todos os rogos a resposta dos senhores era a de que a ser estudada a situação dos operários; porém, estes, que começaram por verificar que a sua vida miserável não sofreria alteração sem que um gesto de revolta fizesse sentir aos causadores do seu mal estar que era tempo de dar realização às promessas balofoas que de modo algum lhes atenuaria o sofrimento, deixaram de confiar em palavras de conforto que revelavam um cinismo revoltante, e lançaram-se numa paralisação de 24 horas que seria seguida de greve, talvez de graves consequências, se as palavras dos senhores não mudassem de tom.

Foi assim que conseguiram ver melhorada a sua situação com a aprovação em sessão camarária dum insignificante aumento de salário do qual só abonariam 60 % o fíancio o restante de ser pago quando a situação financeira do município o permitisse.

Um ano passa e ainda a Câmara Municipal está por fazer o abono de 40 % do aumento aprovado, que constitui uma dívida ao seu pessoal.

Que não possuam verba é a sua resposta. Acaso logram convencer os operários de que a falta de verba é motivo de recusa ao pagamento que devem?

De estranhar é, que a falta de verba pretextada neste caso, não se manifeste quando se trata de extravagância, como na aquisição de automóveis para serem utilizados nos devaneios dos «ilustres» exploradores municipais. Dêstes, outro procedimento não há a esperar porque, quanto mais usarem o suor dos que trabalham, mais correspondem à missão de que se incumbiram.

Por tanto aos explorados que compete por termo a situação que os vexa e conduz a um estado de insupportável penar.

Se para viver é necessário lutar, se para os produtores usufruírem um bem estar relativo é preciso demonstrar a força que possuem, porque não enveredam pelo caminho da revolta levando de vencida os actuais tubarões do município, que nada os destrinça dos seus antepassados?

Bastam vezes o operário municipal tem conseguido atenuar o seu sofrimento e dos seus, mercê de gestos levantados que o impõem ao respeito de seus algozes. Só nestas emergências eles reparam na sementeira de doídos de que são autores, e a todo o custo procuram evitar a sua explosão.

Não é o operário municipal aquele que em 1920 se manteve em greve contra o patrão, lutando denodadamente durante dois longos meses?

Não é o operário municipal aquele que inúmeras vezes tem travado com os seus inimigos, revestidas de um carácter moral que enobrecer e eleva? Porque tanta resignação que humilha e mancha o nome de produtores da época actual?

Se não ignoreis onde reside a causa do vosso viver insupportável, fazei do sindicato uma trincheira e inicias a luta decidida pela conquista de melhores dias.—Alfredo Pereira Vaz, operário municipal depor-tado.

Federação Nacional das Cooperativas

Convoca a Assembleia Geral a reunir-se na próxima terça-feira, dia 3 de Agosto, pelas 21 horas, na sede da Cooperativa Fabril Naval, Cais do Sodré, para continuação da reforma dos Estatutos.

Lisboa, 30 de Agosto de 1926.

O Presidente da Assembleia Geral, Francisco Velhinho Correia

FINALMENTE!

O tenente-coronel Alberto da Silveira Lemos foi afastado do cargo de director do Depósito Central de Fardamentos

Até que emfim, o coronel sindicante sr. Adolfo da Costa lá se resolveu a publicar e mandar afixar um aviso considerando ausente, enquanto fôr necessário, o tenente-coronel Alberto da Silveira Lemos, director do Depósito Central de Fardamentos. Publicou e mandou afixar outro aviso convidando o pessoal de ambos os sexos em serviço no Depósito a inscrever-se no gabinete para ser ouvido em ocasião oportuna.

Orá não está certo quanto ao primeiro aviso, porquanto o tenente-coronel Lemos devia ter logo sido suspenso, antes de ser iniciada a sindicância, visto que a sua presença exercia coacção para o pessoal, devendo ao mesmo tempo ser tal suspensão publicada em ordem.

Quanto ao segundo também não está certo, pois deve ser chamado todo o pessoal, porque todo tem sido afrontado pelo sr. Lemos, e arrastado o seu futuro, que já há muitos anos estaria definido se não fossem os processos por ele empregados em sentido contrário.

A parte uma dúzia de sicários a quem tem dado um osso a roer, todos devem falar pela mesma boca, porque o último decreto n.º 11.605 veio cercar direitos e regalias a todos.

Há ainda uns que mais vociferavam contra ele, mas que há pouco tempo apanharam um osso, que agora se metem nas encolhas, desejando o odioso para os sineiros. Mas esses não de ser desmascarados! E o director sabe muito bem o valor duns e doutros...

SACCO E VANZETTI

Federação do Livro e do Jornal

O secretariado, na sua reunião de ontem, resolveu officiar ao ministro dos Estados Unidos, protestando contra a sentença que atinge Sacco e Vanzetti.

Acêrca de um incidente recebemos uma carta que contém singela lição

O camarada João Fernandes, alfaiate, de Odeceixe, envia-nos a seguinte carta:

«Leitor deste jornal desde o seu primeiro número, lamento com profundo desgosto as insinuações e críticas, que considero injustas, publicadas no Anarquista a respeito dos colaboradores da Batalha. Se os directores do Anarquista avaliassem o mal que causam às ideias que dizem defender a desconfiança que oferecem às massas, o regozijo que proporcionam aos nossos naturais inimigos, decerto que deixariam de fazer ataques pessoais que me parecem tão rancorosos.

Sou alfaiate, vivendo no remanso da minha aldeia; mas sigo com todo o interesse a marcha do movimento social e não temo o esfacelamento da organização operária com censuras, deportações e prisões em massa, efectuadas pela burguesia, contra a Batalha e os nossos mais activos militantes. Outro tanto não posso dizer quando vejo indivíduos que se dizem partidários do mesmo ideal manifestar ódios mesquinhos e parece que meramente pessoais, exactamente como os políticos pelos comícios, em vésperas de eleições, para garantirem ou uma nomeação que lhes encha o vazio que fica por cima da barriga, ou a boçalidade e estupidez de qualquer afilhado que pretenda ser polícia ou guarda republicano. Assim não presta e eu revolto-me. Revolto-me porque levando uma vida de trabalho a que sempre tem presidido as boas intenções, e animado pelo ideal sindicalista-anarquista, tenho feito a minha propaganda e com satisfação o digo: alguns partidários tenho conseguido.

Os homens do Anarquista, se são injustos nas suas apreciações, como eu julgo, não calculam o mal que fazem a mim e outros, como eu, obscuros propagandistas da liberdade, com estas campanhas divisionistas. Olhe, meu caro, que nestas aldeias sertanejas, onde a esmagadora maioria não é desfavorável, uns por conveniência outros por crassa ignorância, talvez não avaliem a soma de esforços que dispendem para fazer valer as opiniões dentro do ideal que nos anima. E' por isso que lhe exteriorizo a minha mágoa. Porque eu também tenho sido vítima, por aqui, julgando os canalhas que nos difamando conseguem os seus objectivos.

Sou vosso e da causa.—João Fernandes, alfaiate.

SOLIDARIEDADE

Pró Firmo Henrique Sequeira

E' já no próximo domingo que se realiza no Salão de Festas da Construção Civil a festa de homenagem ao antigo militante da organização da Indústria do Mobiliário Firmo Henrique Sequeira, que se encontra em precárias circunstâncias.

Na referida festa, além do grupo dramático Solidariedade Operária, tomam parte: o exímio guitarrista Armando Augusto Freire (Armandinho) e seu viciado Abel Negro, e os conhecidos cultivadores da canção nacional João Maria dos Anjos, Artur Ataíde, Armando Barata, Manuel Portugal, Joaquim Campos, Alfredo dos Santos (Correio), Raul Brinquel, Júlio Pimenta, Alfredo Duarte (Marceneiro) e Gervásio de Sousa.

Os acompanhamentos serão feitos pelos irmãos Carvalhinhos e os bilhetes para esta festa podem ser procurados na sede do Sindicato Mobiliário, travessa da Agua de Flor, 16, 1.ª, Lisboa.

Sociedade Cooperativa de Consumo e Produção dos Fragateiros do Porto de Lisboa

SEDE — Rua 24 de Julho, 96, 1.º — LISBOA

Por ordem do presidente da Assembleia Geral, fica esta convocada para o dia 15 do corrente, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciar umas propostas da Direcção respeitantes ao desenvolvimento da Cooperativa.

A importância e urgência do assunto tornam indispensável a comparencia de todos os associados. Sendo segunda convocação, a assembleia reunirá com qualquer número.

Lisboa, 1 de Agosto de 1926.

O PRESIDENTE,

Manuel de Oliveira Manaças

INSTRUÇÃO

Em prol de uma Escola

Realiza-se hoje, pelas 18 horas, uma importante festa do fado em auxílio da Escola da Academia Filarmónica Verdi, em que tomam parte, por especial deferência, cultivadores da canção nacional e guitarristas, havendo amanhã baile só para sócios.

Importante!

O Suplemento de A Batalha inicia esta semana uma série de interessantíssimos artigos sobre a Escola-Única.

O primeiro artigo, da autoria de Mauro Pena, um jovem professor cheio de talento impregnado de nobres ideias, bem merece ser lido por todos quantos se interessam pelo problema da educação popular. Possivelmente — e bem necessário — outros educadores irão pronunciar-se.

Porisso, operariado manual, bem como o intelectual, numa palavra todos os que se interessam pela formação de consciências e aproveitamento de todos os valores sociais, devem seguir atentamente a série de artigos ora iniciada para conhecerem a maneira como se pronunciam os homens que têm sobre si a missão de preparar a mentalidade das gerações futuras.

Vida Sindical

Reunião de federações

E' amanhã, pelas 21 horas, que na sede da Calçada do Combro, a convite das federações da Construção Civil, Metalúrgica, do Mobiliário e Vinícola, devem reunir-se em conjunto as comissões administrativas de todas as federações de indústria aderentes à C. G. T., a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa e a delegação dos Manipuladores de Pão do país, a fim-de se occuparem dum assunto inadiável que respeita à marcha da organização.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, o conselho confederal para continuação dos trabalhos.

COMUNICAÇÕES

Trabalhadores em carnes verdes. — Em reunião dos corpos gerentes foi apreciada a resposta do governador civil à comissão que trata do horário de trabalho, sendo resolvido intensificar a fiscalização e enviar ao tribunal os autos levantados em Alcântara, durante esta semana.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Corticeira Nacional. — Pelas 10 horas, o Conselho Federal. E' indispensável a comparencia de todos os delegados.

Carpinteiros Navais. — Em segunda convocação, pelas 13 horas, a assembleia geral.

DIAS PROXIMOS:

Federação Metalúrgica. — Para assunto inadiável, reúne amanhã a comissão administrativa, pelas 20 horas. E' indispensável a comparencia de todos os comissionados.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — Reúne-se a assembleia geral amanhã, às 20 horas, para se occupar de vários assuntos de interesse para a classe.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Comissão Administrativa da Sede. — Reúne-se amanhã, pelas 20 horas, para tratar de um assunto urgente.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, devendo assistir a comissão administrativa da secção dos Manufactores de Calçado do Alto do Pina.

Manipuladores de Pão. — Reúne-se amanhã a comissão administrativa, pelas 16 horas, para assunto de grande interesse e de inadiável resolução.

Federação da Construção Civil. — Para um assunto importantíssimo reúne amanhã, pelas 20 horas, a comissão administrativa.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Secção dos manipuladores de pão. — Avisam-se todos os manipuladores de pão que é inteiramente livre e facultativa a escola de militantes que funciona todos os domingos das 10,30 ao meio dia.

SINDICATOS DA PROVINCIA

U. S. O. de Faro. — Comissão Administrativa. — Para apreciar e resolver sobre vários assuntos da mais transcendental importância, reúne na próxima quarta-feira, pelas 21 horas, o Conselho de Delegados deste organismo.

António Nunes Canha

Esquecendo aquele princípio humano que é uma cobardia perseguir um preso, e um preso que foi irremediavelmente condenado pelos tribunais, os d.ªs. srs. José de Abreu e Cesar dos Santos têm-se encarnicados sobre António Nunes Canha, fazendo os mais esforços para que ele siga para Africa a pensar-de, como foi já reconhecido por alguns médicos, o seu estado de doença não permitir, neste momento, tão brusca mudança de clima.

António Nunes Canha encontra-se completamente desprovido de recursos, motivo por que apelamos para todos os camaradas conscientes a fim-destes concorrerem na medida das suas forças para que ele possa levar para Africa sua mulher e seus filhos.

Nota officiosa

A Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, tendo tomado conhecimento de uma local inserta hoje num jornal da manhã, relativa ao afastamento do Secretário da mesma Direcção, esclarece que o referido funcionário foi dispensado do exercício das funções do seu cargo por ordem desta Direcção e por conveniência do serviço. Pelo mesmo motivo foi, também por ordem da Direcção, colocado outro funcionário à testa da Secretaria.

Mais se esclarece não ter sido feita qualquer sindicância contra este último funcionário, muito pelo contrário, s. ex.ª o ministro mandou-o retomar o serviço, ficando sem efeito a sindicância que havia pedido aos seus actos.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, 31 de Julho de 1926.—O Engenheiro-Director, J. C. Regala.

Tribunal de Arbitros Avindores

Sob a presidência do juiz, sr. Humberto Pelágio, reúne este tribunal com a presença dos árbitros patronais, sr. Teodoro Pombo e José Dias Sobral, e pela pauta operária, Manuel Maria de Sousa e Ezequiel Barros dos Santos, os quais apreciaram devidamente a queixa apresentada por José Lopes da Silva, operário metalúrgico, contra a firma Costa Campos Limitada, a qual foi condenada ao pagamento ao autor de 9.400\$00.

As queixas formuladas por José Alberto, rural, de Evora, e Francisco Xavier Grincho Transmontano, empregado de escritório, contra Francisco Casanova da Fonseca foram adiadas.

«A BATALHA» no Funchal vende-se no Bureau de la Presse.